

A GRANDE MÃE: UM ESTUDO ACERCA DE DEMÉTER E A FUNÇÃO

*Antonio Dário Lopes Júnior
Lia Silveira Carneiro*

O mito grego, consoante o que apresenta Brandão (2009) apresenta as figuras de Demeter (Ceres) e Core (Perséfone) sempre ligadas, a tal ponto que estas eram referidas como *As Deusas*. No entanto, esta relação se modificou: Core estava tranquila ao lado das ninfas e das divindades Ártemis e Atená, quando um dia seu tio Hades, que a desejava, a raptou com o auxílio de Zeus.

O pai dos deuses, enquanto Core estava passeando pelo bosque fez aparecer um narciso às bordas de um abismo. No momento em que esta se aproxima da flor, a terra se abriu e ela foi conduzida para o submundo. Com o desaparecimento de Core, Deméter começou a vagar pelo mundo a procura de sua filha, passando nove dias e nove noites, sem comer, ou beber em busca da mesma.

No décimo dia desde o desaparecimento da divindade silvestre, Deméter descobriu a verdade por Hélio (o que tudo vê) irritando-se com seus irmãos pelo feito, decidiu não mais voltar ao Olímpo. A divindade passou a vagar pelo mundo sob o aspecto de uma velha, até chegar à cidade de Elêusis.

Todavia devido a sua tristeza pela perda da filha, a terra passou por uma seca terrível, até que Zeus pediu a Hades que devolvesse a esta a filha. O deus dos infernos acatou o pedido do irmão, mas antes de permitir que Perséfone deixasse os seus domínios a fez comer uma semente de romã, aqueles que comessem qualquer coisa no mundo dos mortos não poderiam voltar ao convívio dos vivos. Finalmente, os deuses chegaram a um consenso, a filha de Deméter passaria quatro meses com o esposo e o restante do ano com sua mãe.

Neste mito gostaríamos de destacar a proximidade excessiva existente entre Deméter e Perséfone, referidas como *As deusas*. Poderíamos indagar também, que este mito é narrado sob a visão que Deméter tem dos fatos, onde esta acusa o irmão de ter raptado sua filha, fazendo com que a mesma se afastasse de sua presença.

No referido contexto, podemos tomar o seqüestro, não como apenas um rapto material, Core sendo retirada de sua mãe, mas o rapto do desejo: a vontade da filha não é mais consoante ao desejo da mãe, ela busca outros locais, tendo outro destino. Quando a deusa acusa o irmão de tê-la seqüestrado é uma forma de acusá-lo pelas modificações ocorridas na própria filha, para não se deparar com esta “nova” filha (desejante), a deusa atribui a responsabilidade do ocorrido ao irmão.

Assim, Deméter é a provedora, uma mãe que necessita de uma filha dependente de seus cuidados. Entretanto, o crescimento, envelhecimento, não é uma característica apenas dos mortais, os deuses também podem sofrer deste mesmo processo. Quando Perséfone cresce, e começa a tornar-se uma mulher, a deusa da colheita não percebe que sua “menininha”, já não necessita mais de seus cuidados, sendo agora uma mulher capaz despertar o desejo de um homem (ou de um deus).

Freud (1996) aponta que, da mesma forma como ocorre no menino, à menina também têm como primeiro objeto de amor a mãe, “... pois foi realmente a mãe quem, por suas atividades concernentes à higiene corporal da criança, inevitavelmente a estimulou” (p. 121). Entretanto, o referido autor aponta que a menina deve abandonar a mãe como objeto de amor e dirigir-se ao pai. Tal fato pode ser percebido em dois momentos cruciais, o primeiro é o do desmame, quando a mãe não mais apresenta o seio a criança, gerando muitas angústias nesta, em seu ensino, o pai da psicanálise aponta que o temor envolvendo o envenenamento pode ser ocasionado neste processo, pois “veneno é comida que faz adoecer” (FREUD, 1996, p. 123). Neste caso,

poderíamos entender a nocividade da aproximação excessiva entre mãe e filho um veneno que pode não apenas que pode ocasionar uma morte física, como também fazer da criança uma refém da figura materna.

Em relação a este processo, Lacan afirma que:

O papel da mãe é o desejo da mãe. É capital. O desejo da mãe não é algo que se possa suportar assim, que lhes seja indiferente. Carreia sempre estragos. Um grande crocodilo em cuja boca vocês estão – a mãe é isso. Não se sabe o que lhe pode dar na telha, de estalo fechar sua bocarra. O desejo da mãe é isso. (LACAN *apud* FINK, 1998, p.79).

O segundo momento que gera a fuga da criança com relação à sua mãe, refere-se ao complexo de castração, a menina percebe-se castrada, depois observa que todas as mulheres também são, e por fim, sua própria mãe. Neste processo a menina abandona a mãe como objeto de amor, por perceber que ela não é perfeita, completa, e busca no pai, aquele que supostamente detêm o falo (figura da completude), aquilo que a mãe não possui e, por conseguinte, não a permitiu possuir. Na mulher o desejo pelo falo corresponde ao desejo por ter um filho, o qual dará a ela a completude almejada.

Deméter pode ser encarada como essa mulher que toma a filha como o falo, a divindade silvestre exige desta um amor ilimitado. Assim sendo, em uma relação estruturada desta forma, na dependência excessiva de uma pela outra, a única maneira da filha poder tornar-se mulher é se afastando da figura “nociva” de sua mãe, que não é capaz de atentar para as mudanças que já ocorrem a olhos vistos no próprio corpo de sua filha.

Em seu texto *À Guisa de Introdução ao Estudo do Narcisismo*, Freud (2004) apresenta que os pais encaram seus filhos como sendo parte deles próprios, desta forma investem neles parte de sua libido narcísica, ao passo que projetam neles grande parte de seus sonhos e projetos que foram incapazes de realizar.

Os filhos que foram de alguma forma, condenados a permanecer à imagem e semelhança do ideal de perfeição costumam pagar o preço de sua própria vida ou do equilíbrio mental para ocupar um lugar na estante de troféus dos pais. Para esse tipo de filho, será necessário tornar-se deficiente para o mundo externo, sendo incapaz para o sexo ou amor (de forma a nunca substituí-los); ou inviável para certas ousadias e transgressões necessárias para se independizar (assim nunca os abandonará). (CORSO, D. L; CORSO, M. 2006, p. 147)

Assim sendo, sob o olhar de Deméter encontramos dois aspectos distintos da mesma pessoa: no primeiro temos a boa filha, aquela da primeira infância, que ainda tem a mãe como objeto de amor e admiração. No segundo, encontramos a filha que, ao crescer deve se separar da mãe, para poder se desenvolver enquanto sujeito de desejo.

Outra forma de atentar para os elementos desta narrativa que seguem a mesma orientação é atentarmos para o fato de que o pai coloca o narciso a beira do abismo para ajudar o futuro amante, este que é considerado como uma espécie de substituto do pai. Abordando o mito neste aspecto Core inicialmente se encanta com o narciso (representante do pai), fazendo com que a mesma se afaste de sua mãe, para que assim, o parceiro possa advir e “seqüestrá-la”.

O processo de separação entre mãe e filha já estava ocorrendo de uma maneira paulatina, o desmame, no momento do seqüestro Core estava com outras divindades, afastada de sua mãe. Mediante a isso, atentamos para o papel importante que a mãe tem neste processo, é ela que permite a entrada da figura paterna, se Ceres não tivesse permitido que houvesse nenhum tipo de separação, mesmo que apenas durante pouco tempo, a figura paterna não poderia exercer a função de impedir a complementação almejada pela mãe, “tendo a filha como meio de se tornar completa”.

Nesta direção, podemos compreender que a função do pai é neutralizar a nocividade do desejo da mãe, assim sendo é graças àquele que o sujeito pode advir enquanto ser desejante.

Outro ponto importante a ser ressaltado no mito é a descida de Core ao Hades, neste ponto devemos compreender que a filha idealizada deve morrer para os pais, separar-se de seu desejo para que depois possa voltar como uma mulher, como um sujeito de desejo.

Em muitas narrativas, este processo de morte e ressurreição faz parte de um processo iniciático, em que a ida ao mundo dos mortos é considerada como uma segunda gestação (na primeira saímos dependentes, como os bebês). Da segunda saímos prontos para exercer o papel de adultos.

Em suma, mito encena, de maneira alegórica, muito das dinâmicas psíquicas do sujeito. Compreendê-lo é conseguir vislumbrar um pouco de nossa própria dinâmica como sujeitos imersos em um mundo de linguagem, esta entendida como sempre faltosa, os contornos delineados pela mitologia mostram, em suas linhas, muitas das dinâmicas vivenciadas pelas próprias pessoas que a buscam. Mesmo que mais de 2000 anos tenham se passado as dinâmicas envolvendo Deméter e Core são bastante atuais, pois apresenta uma das formas primordiais do relacionamento mãe-filha, desde seu idílio amoroso até o momento da separação, esta última sendo essencial para que possa advir o sujeito de desejo.

BIBLIOGRAFIA

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**, v. I. Petrópolis: Vozes, 2009

CORSO, Diana. L; CORSO, Mário, Histórias de Amor II: As metamorfoses In: **Fadas no Divã**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FINK, Bruce; O sujeito e o desejo do outro In: **O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FREUD, S. Guisa de Introdução ao estudo do Narcisismo In: **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2004

_____ A feminilidade In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 22. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

SOBRE OS AUTORES

Antonio Dário Lopes Júnior. Aluno do 7º semestre da graduação em Psicologia pela Universidade Estadual do Ceará. Bolsista de Iniciação Científica do NUSOL (Núcleo de Psicologia Social e do Trabalho). Vinculado ao projeto de pesquisa *Trabalho, Linguagem e funções psíquicas superiores na obra de Alexander Romanovich Luria*.

Lia Carneiro Silveira. Enfermeira-Doutora. Docente do Curso de Graduação em Psicologia da UECE. Pesquisadora responsável do projeto Clínica do Sujeito e Psicanálise: Pensando novas estratégias de intervenção em saúde mental e membro do LACSU (Laboratório de Clínica do Sujeito: Saber, Saúde e Laço Social).